

EM RESPEITO AO POVO HAITIANO

A passagem do furacão Matthew pelo Haiti no começo do mês de outubro abriu as portas para a perpetuação da tragédia que vive esse país caribenho, numa combinação dramática entre desastres “naturais” e a nefasta política internacional estabelecida pelas potências globais.

No último dia 13, o Conselho de Segurança da ONU estendeu por mais seis meses a ocupação com tropas armadas da MINUSTAH – Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti. Instalada e violando os direitos de soberania nacional, como também os direitos humanos no país há 12 anos, na prática, a Missão agrava a instabilidade social e política do país. Mediante resolução aprovada por unanimidade, mantiveram-se 2.370 militares e 2.601 policiais em solo haitiano.

Depois da passagem do furacão Matthew, o Haiti reporta mais de dois milhões de pessoas afetadas diretamente, das quais aproximadamente 40% são crianças, e contando mais de 175.000 desabrigados. Até o momento, o balanço é muito grave, especialmente no sul do país. Muitos mortos, em torno de 850. Estamos falando da destruição de povos inteiros, desde cidades e toda sua infraestrutura, até o campo e as perdas imensas em termos de cultivos, gado (perda de aproximadamente 350.000 cabeças) afetando quase 1.500.000 pessoas, e arrasando mais de um milhão de árvores. E estes são apenas os problemas imediatos; os efeitos a longo prazo também preocupam e serão duradouros, em termos da segurança alimentar, da fome e das condições precárias de vida, informa Camille Chalmers, economista, professor e responsável pela PAPDA – Plataforma Haitiana de Incidência por um Desenvolvimento Alternativo.

Muitos já não têm acesso a água potável, aumentando assustadoramente os casos de cólera – doença erradicada há mais de um século no país, tendo ressurgido após a ocupação militar da MINUSTAH e sendo um dos alvos alarmantes de crítica de sua atuação no território, visto a total irresponsabilidade com que tratou da contaminação criminal das poucas águas potáveis restantes através do esgoto não tratado das próprias tropas da ONU. De 2010 a 2015 mais de 9.000 pessoas já morreram contaminadas, e centenas de milhares foram infectadas, tendo a situação se agravado drasticamente depois do furacão. E ainda assim, este ano, a mesma ONU aprova um orçamento de US\$346 milhões para manter a força multilateral de ocupação no país, e confessa que apenas juntou US\$8 milhões para contribuir e garantir o direito humano universal de acesso à água potável e saneamento para a população.

Apesar de que já surgiu uma onda de solidariedade interna, e também externa, é muito importante não cair novamente na experiência de 2010, quando grande parte da solidariedade mobilizada foi captada por ONGS e grandes organizações internacionais que promoveram uma lógica de exclusão dos haitianos, e exclusão do Estado haitiano, das empresas haitianas: “A ajuda não pode debilitar ainda mais as instituições nacionais... o Estado é quem deve canalizar a ajuda”, propõe Chalmers. “A ajuda humanitária tem as suas regras. Deve concordar com nossas necessidades, prioridade e eleições. Deve referir-se não só às vítimas, mas sim respeitar a dignidade das mesmas, que devem ser consideradas atores capazes de levantar-se por seus próprios meios”, ressalta o professor.

A mega Organização internacional Cruz Vermelha Americana é um dos exemplos mais escandalosos, tendo captado um montante em torno de US\$ 500 milhões, com o qual prometia construir 700 novas moradias no país, para cerca de 130.000 pessoas. Na prática, o investimento no país foi pífio, tendo a organização construído tão somente 6 casas e desviado aproximadamente US\$488 milhões; quase 98% das doações...

De fato, neste momento, é o governo haitiano quem está realmente tomando um papel mais importante de tentar coordenar a ajuda e definir qual a agenda de prioridades.

Nesse sentido ainda, a PAPDA, junto a outras organizações populares e camponesas, se pronuncia a favor da criação de um “mecanismo nacional” que garanta a gestão da ajuda. “É importante que haja uma recontextualização dessa ajuda e dessa solidariedade, permitindo contato direto dos povos para que realmente isso tenha efeitos positivos em termos de reconstrução do Haiti.”

12 ANOS DE OCUPAÇÃO – PELO FIM DAS TROPAS MILITARES NO HAITI



“A presença das tropas da MINUSTAH não tem contribuído positivamente à reconstrução do país. Desde a experiência do terremoto, elas não tiveram a competência necessária para fazer frente a esses desastres naturais que vem assolando o país porque são militares, treinados para a guerra, e para interpor-se entre dois grupos armados, não tendo, portanto, nem a cultura, nem o

treinamento, nem o equipamento adequado para intervir neste tipo de caso”, esclarece Camille Chalmers.

Temos em nosso solo muitos militares estrangeiros, a maioria norte-americanos, evidenciando a absoluta inutilidade da presença da MINUSTAH que se apresenta como ajuda humanitária, mas que jamais, nos últimos 12 anos de presença, contribuiu de fato com o povo haitiano para fazer frente a essas catástrofes. É uma força repressiva, de controle político-militar e que está totalmente a serviço da agenda imperial.

Haiti, que no início do século XIX era a colônia mais produtiva da América, e a primeira a conquistar a independência nacional, não teve “uma trajetória progressista, senão que, pelo contrário, tornou-se o país mais pobre do continente, talvez um dos mais pobres do mundo”.

A ousadia de cerca de meio milhão de negros e mestiços do país, que enfrentaram as tropas de Napoleão I, o Bonaparte, e sustentaram o desejo de liberdade até obtê-la, sendo o primeiro país das américas a conquistar a independência, foi e continua sendo condenada e barbaramente castigada.

Urge que a ONU e a comunidade internacional reconheçam o fracasso de suas estratégias e ponham fim à intervenção que, depois de 12 anos, não só fracassou nos objetivos oficialmente planejados como que em muitos sentidos contribuiu assustadoramente para piorar a situação. Entre outras, a conjuntura eleitoral atual escancara as consequências nefastas da manipulação estrangeira às quais a MINUSTAH faz vista grossa, entre outras muitas violações de direitos e abusos de poder.

Basta!

Fazemos nossas todas as demandas das muitas organizações e movimentos populares haitianos e nos unimos em solidariedade e luta a todas as irmãs e irmãos haitianos.

Seguimos em luta!